

A leitura de um livro pode sugerir algumas metáforas. Isto, indubitavelmente, é o trabalho do leitor. Elas implicam num exercício que leva à compreensão daquilo que está implícito e/ou explícito na obra. Neste caso, dou um peso maior àquilo que me pareceu implícito: uma tentativa do organizador de suscitar algo metonimicamente, ou seja, apontando os resultados para que sejam subentendidas as causas.

Eis o instrumento do meu exercício de compreensão: o Metrônomo. Trata-se de um aparelho utilizado pelos músicos para marcar o compasso em suas canções. Nele pode-se estabelecer o tempo, a rapidez das batidas. Entre uma batida e outra, um silêncio, uma espera. Em Psicanálise, pode-se dizer que o inconsciente, em seu aspecto temporal, esteja regulado por um Metrônomo. Desta forma, tanto o inconsciente do analista quanto de seu paciente funcionam segundo este ritmo peculiar de seus respectivos metrônimos. Tal como um cantor submetido aos compassos de sua canção.

No que concerne ao acontecer analítico, o mais prudente seria dizer que a simultaneidade, tal como ocorre entre cantor e canção, não é aconselhável, pelo menos durante todo o tempo, pois implicaria em uma fusão entre analista e paciente, uma espécie de encontro clássico, perpetuado narcisicamente.

## Um Metrônomo para a Psicanálise

*Resenha de Sérvulo Augusto Figueira (org.)  
A Palavra e o Silêncio: Construções do saber psicanalítico na Universidade,  
Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993, 226 p.*

Considerando esta breve introdução, vamos à "palavra" de Sérvulo Augusto Figueira, que neste caso recai sobre o silêncio inerente ao compasso da Psicanálise. Trata-se de seu livro *A Palavra e o Silêncio*, lançado pela Relume Dumará: uma coletânea de artigos oriundos de pesquisas realizadas por alunos e professores do Mestrado e Doutorado do Departamento de Psicologia da PUC do Rio de Janeiro, onde se pode perceber uma intenção depositada no "silêncio" que se dá entre um texto e outro — entre um badalar e outro.

Este aspecto revela, ao meu ver, um dos vários elementos que são sugeridos neste trabalho: seu *silêncio*. Continente de ressonâncias da palavra anterior, um silêncio que se destina ao leitor, que pode se pôr à procura da sua própria palavra.

O badalar deste livro se insere no silêncio produzido pela Psicanálise nestes últimos anos. Segundo Sérvulo Augusto Figueira, em sua apresentação da obra, "*a Psicanálise se ancorou num lugar social muito específico: 'fora' do hospital, 'fora' do estado, 'fora' da Universidade*". Desta forma haveria um dentro, um "entre" que não foi utilizado pela prática psicanalítica, um espaço que se manteve silenciado. Isto porque a Psicanálise talvez tenha preferido manter-se fora deste ritmo — escutando apenas esse silêncio — e receosa de fazer coincidir seu compasso e o de seu "objeto".

De toda forma, tal coincidência, segundo a própria Psicanálise, pode surgir no jogo transferên-

cia/contra-transferência, as quais, nos primórdios, quando ainda não se tinha acuidade em relação aos silêncios, eram chamadas de resistência. Contudo, tornaram-se grandes instrumentos técnicos, operadores do trabalho analítico. Por outro lado, no que se refere a este fora/dentro (social), pode-se ouvir, a partir de seu silêncio, uma resistência.

Assim, com esta coletânea, o silêncio é rompido; e com isso inaugura-se uma dimensão musical maior, pois a Psicanálise marca um lugar de afinação/desafinação necessário a ela e à produção universitária.

Como uma nota, e não um acorde, (pois este poderia implicar em certa palavra recheada de significados), a nota tocada num determinado instante ressoa e desperta do silêncio palavras; ao cabo desta pausa, o badalar seguinte do Metrônomo. Os artigos deste livro parecem conter este impulso, o de produzir no silêncio.

Esta coletânea faz soar a potencialidade inerente à Universidade. *A Palavra e o Silêncio* se compõe de dezessete artigos, num espectro de inquietações que vão desde o mais cotidiano dos assuntos, mas nem por isso menos interessante,



tal como "Consumo, logo existo: um estudo psicanalítico sobre os modismos das novelas de televisão", ao controverso tema da participação do analista nas questões do social, como é o caso em "Dos deveres do Psicanalista: uma aventura no social".

Deste ângulo, pode-se pensar que a Psicanálise seja apenas utilizada como método de estudo daquilo que inquieta o pesquisador. Porém isso não indicaria o cuidado com que foi tratada a pluralidade nesta coletânea. Para isso, destacaria a questão da mulher. Trata-se de uma pluralidade verificada, justamente, naquilo que venho chamando de silêncio.

Neste caso, a obra freudiana é citada por Claudia Amarin Garcia, de onde são retiradas posições controversas a respeito da mulher (Freud, 1925/33). Em ambos os momentos, Freud está ritmado por um tipo de representação da mulher presente na sua sociedade, e, portanto, a compreende por meio de uma teoria determinada sócio-historicamente — como não poderia deixar de ser.

A autora se propõe a uma releitura dos textos freudianos a respeito da feminilidade, além de outros, que sofreram e sofrerão a ação do tempo, e que produzem ruídos na escuta do feminino. Seu foco está diretamente dirigido às relações pré-ediípicas da menina

com a mãe na determinação do ideal do ego, sobre os quais Freud escreve: "Em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-ediípica à mãe." (p. 49-50).

Do ruidoso silêncio das mulheres vienenses do início do século emana a possibilidade de escuta daquelas que, hoje, frequentam os consultórios de Psicanálise. É nessa direção, e na possibilidade da consideração metronômica dos fatores socio-históricos, que a leitura deste e de outros artigos reverbera, produzindo alterações no modo de pensar a clínica.

Em *A Palavra e o Silêncio*, a clínica é refletida sob a óptica lacaniana e freudiana, considerando o gradiente de variação entre uma teoria e outra. Os destaques neste cenário não são só Freud e Lacan, mas também Bion, tratado em artigo de Sêrvulo Augusto Figueira.

Esta potencialidade desinibida se faz valer, justamente, pela sua produção. A tarefa feita no campo da Universidade dá à Psicanálise a vizinhança a que Freud

se referia em trecho citado por Terezinha Mendonça em "Dos deveres do Psicanalista: uma aventura no social": "Podemos expressar nossa expectativa de que a Psicanálise (...) ingressará no desenvolvimento cultural das próximas décadas como um fermento significativo e auxiliará a aprofundar nosso conhecimento do mundo e a lutar contra algumas coisas da vida, reconhecidas como prejudiciais. Não se deve esquecer, contudo, que a Psicanálise sozinha não pode oferecer um quadro completo do mundo." (p. 220).

Terezinha Mendonça coloca suas observações exatamente no silêncio produzido pela Psicanálise. Seu texto investiga a intervenção do psicanalista nos processos sociais. Esta intervenção é questionada, ao lado da afirmativa de que o psicanalista só exerce seu ofício em seu consultório, com um sujeito em tratamento analítico.

São questões bastante nevrálgicas, e que aquecem as discussões acerca da ética psicanalítica. Também vão de encontro ao que mais se tem discutido pelos corredores dos diversos eventos psicanalíticos. Questões silenciadas que ganham palavras nas observações produzi-

das pela autora deste artigo.

Esta problematização implica o analista e a Psicanálise no epicentro dos acontecimentos mundiais. Se assim se faz, basta começar a pensar e produzir algum conhecimento sobre a possível colaboração que a Psicanálise terá a dar nas conjunturas sociais que inaugurarão o próximo século. Toda esta problematização coloca os mourões da Psicanálise em evidência, se é que sempre não estiveram, de uma maneira ou outra.

Provavelmente, não mais se está falando de uma Psicanálise encarcerada em seus próprios território, mas que se associa a outras ciências; caso contrário, perderá o compasso no qual se inserem os homens e, naturalmente, a cultura. Precisa entrar e pôr-se nos debates, pois, segundo Hélio Pellegrino, citado por Junia de Vilhena em seu artigo *Laços da Paixão, ética e liberdade*: "O homem é aquele ser para quem o mundo, tal como está, não serve..." (p. 128)

**Wilson Klain** - psicanalista  
membro do Departamento de  
Psicanálise do Instituto Sedes  
Sapientiae.